

Reflexão sobre modos de convergência de diferentes caminhos espirituais que existem hoje no Graal. Um modo de ver.

Isabel Allegro de Magalhães

Pedi-me a Ticha que pusesse por escrito algumas das reflexões que espontaneamente, num encontro ao fim da tarde no Terraço, partilhei com a equipa de pertença do Graal em Lisboa. Reflexões sobre as possibilidades de articulação entre os múltiplos caminhos espirituais que hoje são trilhados por diferentes participantes do Graal, em vários países. Uma articulação que visasse a um entendimento comum da diversidade existente. O que aqui escrevo são escassas notas que deverão ser tomadas só como “rascunho” destinado a um eventual debate em profundidade entre nós.

Basicamente, acredito que se cada uma de nós der diferentes passos de interioridade orientados para a procura de Deus, nada existe que possa ameaçar o Graal no seu conjunto. O único critério, a meu ver, é a autenticidade e a profundidade de cada gesto individual: corpo e alma.

1. Não sei se tenho razão, mas o modo como encaro as “religiões” e as “tradições espirituais” que encontramos no curso da História leva-me a um posicionamento que é, por um lado, de grande relatividade e, por outro lado, quase “absoluto”. As formas serão sempre relativas; as atitudes interiores, essenciais. Explico-me.

Se pudéssemos olhar para o Planeta a partir do exterior dele, veríamos uma diversidade de religiões e de tradições espirituais, que emergiram de todos os povos e culturas existentes, com as suas convicções e propostas. Tenho a sensação de que cada forma de religião e de tradição espiritual mantém, ao longo da História, uma forte inter-relação com o cerne da cultura em que teve origem, sendo que muitos dos seus traços são exactamente *expressões* dessa cultura. E o surgimento de cada grande religião, em cada cultura, representa sempre afinal uma sua elevação a um maior grau de humanidade. Nesse sentido, cada grande religião (e tradições espirituais dela emergentes) *reflecte* a cultura de onde surgiu e, ao mesmo tempo, representa sempre, nessa cultura, *um passo adiante* quanto às formas de entendimento da significação transcendente da vida e de uma visão ética. Vemos assim que, com uma grande religião e as várias tradições espirituais, surgem noções de maior perfeição e completude quanto à significação do que é ser-se humano sobre a Terra.

É interessante também notar que cada forma de religião e cada tradição espiritual retoma muitos dos elementos que outras religiões haviam já proposto. Por exemplo, cada novo profeta ao anunciar o novo incorpora também traços de sabedorias milenares, vindas de outras culturas, e que constituem já património espiritual da humanidade. Só que tanto o que é anunciado de novo como o que de trás é incorporado, é sempre *enunciado, dito, a partir de um outro ponto de vista e noutra língua*: os da cultura em que isso acontece. (Mas não esqueçamos que cada cultura é, foi, sempre um cadinho de culturas, sempre conjugando, portanto, um plural.) Isto é: há uma longa e ampla via em que se abrem múltiplas possibilidades de acesso (sempre velado) ao Divino. Daí que a diversidade de religiões e de caminhos espirituais não seja outra coisa senão diferentes encostas (culturais) de uma mesma montanha que se eleva, única, em direcção ao mesmo Mistério de Deus.

E o que é espantoso é que, entre todos estes e outros percursos religiosos e espirituais, *aquilo que há em comum é maior que o que separa*. O que os distingue afinal é, sobretudo, uma enunciação ou um modo de dizer próprio de cada cultura. Cada

profeta ou mestre de uma tradição espiritual, ao anunciar de novo, relança também elementos de uma sabedoria adquirida. Com isso aponta a este processo temporal da busca de acesso a Deus, do qual cada um deles não é mais que o elo de uma vasta corrente.

Muitas vezes são as instituições e autoridades religiosas que, ao tornarem-se estáveis e rígidas, vão esquecendo ou até eliminam elementos de outras e da sua própria Tradição. O mesmo acontece com as comunidades: elas tendem a tornar-se “obedientes” a normas, esquecendo-se da riqueza do Espírito, actuante em todas as Tradições. (Exemplo disso será a marginalização dos místicos, em todas as religiões: as suas vozes são deixadas quase em silêncio. Não será porque elas representam atitudes não-conformistas, inovadoras, em busca, e por isso fluidas e incapazes de submissão a uma normatividade sem alma?)

Dir-se-ia, pois, que a sequência das diferentes religiões da História corresponde, em cada cultura, à emergência de momentos específicos de iluminação; do sentido do Mistério de Deus e do sentido da vida humana. Todos eles igualmente significativos, para as culturas em surgem e para a humanidade inteira.

Talvez duas ordens de razões ajudem a entender um fenómeno s nossos dias, sobretudo no Ocidente, que é a atracção por outras correntes de espiritualidade (budistas, hinduístas, etc.) ou outras. Por um lado, a rejeição, clara ou velada, dos valores culturais vigentes na sua própria cultura; e, por outro lado, a recusa dos modelos de prática religiosa existentes dentro da tradição a que se pertence. Daí o apreço por outras expressões espirituais (e de elementos vindos da psicanálise ou outros campos do conhecimento) bem como a tentativa de incorporá-las na própria procura e experiência do Divino. (A “New Age” será disto um exemplo.)

Contudo, para isso é preciso que cada crente saiba dizer a sua procura em termos da sua identidade cultural, coisa que terá de ir sendo por si interrogada e seguramente reformulada a par e passo (porque também as identidades culturais se vão transformando também). Se não, enquanto seres humanos, apenas pairamos, sem raízes nem vínculos, no limiar de um vazio, sem corporeidade cultural.

2. Com isto em vista, continuo convencida de que há que manter a nossa raiz-Graal comum, raiz a que todas nos referimos e que é a referência cristã. Não é só uma Tradição, mas sobretudo a Memória de Sentido comum que nos reúne.

Sabemos que, a partir de essa raiz, muitas de nós partiram noutras direcções, à procura doutros modos de espiritualidade. Por exemplo, tomando textos de inspiração, ritos, diferentes dos herdados, deixando de lado as originais fontes de inspiração. Para muitas de nós, talvez, essas primeiras referências tornaram-se relativas, passando esse lugar a ser ocupado com outras referências. A meu ver, o que está em causa sempre é o desejo de uma procura autêntica em cada uma. Até porque qualquer caminho espiritual, qualquer forma de procura de Deus, sejam quais forem os gestos, os rituais, os textos, comporta basicamente *o mesmo gesto* de elevar o coração e a mente para o grande Mistério para além de nós. Não disse a Rachel Donders, pouco antes de morrer: “Quanto mais procurei a face de Deus, mais compreendi que quase nada sabia de Deus”. Na realidade, todas estamos no mesmo lugar, aptas a dizer com Angelus Silesius (místico do século XVII europeu):

Fiz de Deus o centro da minha vida.

Não sei quem é Deus.

Por isso O escolhi.

Daí que cada uma deva poder seguir a via que para si aparece como a mais autêntica nessa busca de Deus: e tanto a que se mantém claramente dentro da tradição cristã como aquelas que percorrem outros caminhos.

Cada percurso terá assim de ser escutado, aceite sem qualquer espécie de “juízo”, sem qualquer forma de avaliação por todas nós. (E quem de entre nós teria a “autoridade” para avaliar ou julgar???)

A aprendizagem julgo ser a do respeito, a da reverência, perante a alteridade. Porque nenhuma de nós, ninguém, sabe o suficiente; só uma coisa podemos saber: Deus é, permanecerá sempre, *para além de nós* – para além das nossas convicções e eventuais “certezas”, para além da nossa compreensão, dos nossos caminhos.

Sinto que somos convidadas a abrir-nos, cada uma, a posicionamentos diferentes dos que temos como nossos (referências, formas, oração, celebração, etc.), na certeza de que a autenticidade de cada uma poderá inspirar-nos a todas, mesmo quando as suas formas não são “as minhas” ou “as nossas”. Assim, o desafio não me parece ser o da invenção de uma espécie de “mistura de tudo” como lugar de celebração, onde eventualmente se combinassem todas as vias, com a boa intenção de “representar” as correntes existentes. Julgo é que – antes de sabermos encontrar formas comuns de celebração sem problema – deveríamos saber criar espaços diversificados em que todas pudéssemos sempre tomar parte, sabendo que por diferentes meios nos dirigimos, nos orientamos, afinal para o MESMO GRANDE MISTÉRIO de DEUS.

Da Origem, outros ramos cresceram: guardemos ambas as coisas: origem e ramos, valorizando, dando escuta a tudo, sem desconfiança, sem superioridade nem menosprezo, sem qualquer espécie de tristeza.

Mas não tenho dúvida de que todas, cada uma, teremos de mudar em alguma coisa, de aprofundar as nossas identidades culturais, de ampliar a nossa abertura perante a diversidade. Sem medos nem críticas.

Pelo contrário, saibamos nós entender em profundidade cada experiência diferente da nossa, na sua substância, e sem aquela tolerância que apenas deixa o outro “fazer o que quiser” (o que a meu ver significa apenas indiferença!). Dessa maneira talvez possamos todas ser enriquecidas pela alteridade dos caminhos.

Não está Deus em toda a parte?

Não é Deus plural, ninguém sabendo ao certo como chegar LÁ?

Por que não havemos de considerar que cada via é tão válida como a nossa?

Por que não aprofundamos, ao ponto de nada já nos dividir?

Por que havemos de ter medo, se estamos certas de que a pluralidade dos caminhos se dirige, por diferentes percursos, ao MESMO HORIZONTE: a significação das nossas vidas, o sentido da História, a Face de Deus?

Suspeito que um dia Deus nos acolherá no Seu seio, a todas e a cada uma, com os diferentes percursos espirituais que tivermos feito nesta Terra – desde que o tenhamos feito de coração inteiro e interior mente, assistindo o outro, “convert[endo] o peso, a impenetrabilidade, a dureza [...], em reflexo trans-cendente”. – Filomena Molder –

Lisboa, Janeiro de 2006